



A DIDÁTICA DA TELERREPORTAGEM: da imagem à pauta,
uma experiência no curso de jornalismo da UFMA
(Campus Imperatriz A)

Marcelli Alves¹

RESUMO

Laboratório de Telejornalismo é uma disciplina que exige do acadêmico o exercício da reportagem telejornalista, da pauta à edição de texto. Ensinar essa dinâmica, longe do dia a dia de uma televisão comercial, é um desafio. Este material mostra a experiência em sala de aula da referida disciplina ministrada na Universidade Federal do Maranhão – UFMA e relata a importância do acadêmico em ter o pré-conhecimento relacionado à edição de imagens. Sugere-se, após a realização de análise empírica, que entender a linguagem videográfica anteriormente à pauta para televisão agrega valor ao futuro jornalista, facilita o entendimento deste e também o encaminhamento do material.

Palavras-chave: Laboratório de telejornalismo. Produção para TV. edição de imagens. Ensino de telejornalismo. Telerreportagem. Pauta.

ABSTRACT

Laboratory of TV Journalism is a discipline that requires the exercise of academic television journalist reporting, the agenda for text editing. Teach this Dinami-ca, away from the day to day commercial television, is a challenge. This material shows the experience in the classroom of the discipline taught at the Federal University of Maranhão - UFMA and the importance of academic reports on having pre-knowledge related to image editing. It is suggested, after conducting empirical analysis, to understand the video language prior to the agenda for adding value to the future television journalist, facilitates the understanding of this and also the referral of material.

¹ Jornalista, doutoranda em comunicação pela UNB. Professora assistente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. E-mail: marcelli_salvaterra@yahoo.com.br

KEYWORDS: Laboratory of television journalism. TV production. editing images. Teaching television journalism. Telerreportagem. Tariff.

Introdução

Esse artigo trata de um relato referente à experiência pedagógica do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, ao ministrar a disciplina de Laboratório de Telejornalismo. Depois de oito anos na docência e trabalhando a disciplina em questão foi percebido ano após ano a dificuldade em grande parte dos alunos em trabalhar a pauta de um telejornal. A tentativa de amenizar essa dificuldade foi enaltecida em função de que antes de chegar ao telejornal a notícia passa por um longo processo de produção. Embora a imagem que aparece em evidência é a do repórter, vários profissionais participam junto na elaboração de uma reportagem. Manuais e ementas da disciplina de Laboratório de Telejornalismo trazem como sugestão a forma linear de aprendizado (pauta, reportagem e edição) esse último, em sua maioria, de texto, já que a figura do editor de texto deve ser obrigatoriamente representada por um jornalista. No entanto, noções de edição de imagens agregam valor ao profissional. Embora um editor de imagens não seja obrigatoriamente um jornalista o entendimento do processo facilita a compreensão da produção de um telejornal.

O propósito não é fazer com que o acadêmico da disciplina de Laboratório de Telejornalismo saia habilitado para exercer a profissão de editor de imagens, mas a intenção é conseguir que os mesmos ao saírem das universidades estejam cada vez mais qualificados, com visão sistêmica da produção (completa) de um telejornal. Ou seja, noções que possam auxiliá-lo nos demais processos.

1 A pauta

Relatos da história demonstram que no início das organizações de comunicação no Brasil o pauteiro tinha o hábito de ler a pauta em frente a todos os repórteres. Nessa mesma época, esse profissional era conhecido pelo nome senhor da pauta. A respeito da questão histórica Jorge (2008) diz:

Depois essa missão evoluiu para a figura de um jornalista que entrava na redação por volta da meia noite e, depois de ler os jornais recém-impresos e trazidos diretamente das gráficas, trazava um rol de ideias de pauta. (JORGE, 2008, p. 41).

Ainda sobre questões históricas da pauta, Lage (2003) conta que uma das primeiras pautas completas em diários brasileiros, foi no início da década de 1960.

A do Jornal do Brasil, que levou adiante a reforma iniciada no Diário. Era redigida de véspera, abrangendo o jornal todo, e chegou a ser publicada, como serviço aos leitores, durante algumas semanas. (LAGE, 2003, p. 32).

O autor afirma que foi na década de 70 que a pauta foi introduzida na maioria dos jornais “junto com as técnicas de redação, a programação gráfica das páginas e os procedimentos gerenciais que caracterizam a imprensa industrial moderna” (LAGE, 2003, p. 32).

Sobre as questões conceituais é possível dizer que a pauta é uma proposta de reportagem. Além disso, a pauta é um projeto de cobertura. “É o exercício mais importante – e talvez o mais difícil – que todo o aspirante a jornalista deve fazer” (PINTO, 2009, p. 59).

Lage (2003) diz que a denominação pauta aplica-se a duas coisas distintas:

Planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editoriais – de cidade, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos nos noticiários e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc... (LAGE, 2003, p. 34).

Sobre o exercício de sugerir pautas, Pinto (2009) argumenta que é uma forma do jornalista exercitar várias capacidades da área como, por exemplo, descobrir o que é notícia, hierarquizar informação, prever etapas de apuração além de antecipar a edição do material (imaginar como será a reportagem).

Antes do fortalecimento da pauta como figura importante no dia a dia das redações apenas as matérias em destaques, principais, eram programadas. O fechamento do jornal dependia do que os repórteres cobriam. Atualmente muita coisa mudou. A evolução das novas tecnologias trouxe um novo modelo de comportamento para as redações. Lage (2003, p 35) diz que “O primeiro objetivo de uma pauta é planejar a edição”.

A pauta tem na televisão uma importância maior que em outros veículos por suas peculiaridades. A atenção exigida aos detalhes necessários para a elaboração de uma reportagem de TV aumenta a importância do planejamento. O pauteiro é

aquele que na imensidão dos acontecimentos na sociedade capta o que pode ser transformado em reportagem, pensa o assunto por inteiro e indica os caminhos que devem ser percorridos para que a matéria prenda a atenção do telespectador e atinja o público – alvo da emissora. (BARBEIRO e LIMA, 2002, p. 89).

Antes do fechamento da pauta são realizadas reuniões, chamadas de reuniões de pautas, nas quais os pauteiros participam em seus respectivos turnos, todos imbuídos na produção da notícia. Sobre essa questão Medina (2002) ressalta que são nessas reuniões diárias que surgem as orientações para os direcionamentos das pautas.

Especificamente sobre a pauta para TV, Jorge (2008) diz que a mesma é semelhante à do dia a dia do jornal, com a diferença de conter uma preocupação com imagens, cores e movimentos.

O profissional de TV só se liga em detalhes que possa documentar. Para facilitar a tarefa das equipes com pautas mais complicadas, a televisão criou a figura do produtor, que auxilia no trabalho de reportagem, indo atrás das fontes, marcando entrevistas. (JORGE, 2008, p. 49).

1.2 A pauta e a disciplina de Laboratório de Telejornalismo

A disciplina de Laboratório de Telejornalismo faz parte da grade curricular do curso de Comunicação Social- habilitação Jornalismo e é obrigatória para a obtenção do título de bacharel. No entanto, as ementas, embora não sejam padronizadas, são semelhantes e seguem, em sua maioria, a linha dos manuais de Telejornalismo disponíveis como pesquisa bibliográfica.

O que é percebido na prática é que quando o acadêmico inicia a disciplina em questão, ele já cursou, pois são pré-requisitos na maioria dos currículos das universidades, disciplinas que deram a ele noções mínimas de pauta jornalística. Percebe-se, também, que quando chega o momento do estudante entender o processo de um telejornal acontece um problema que é recorrente, afirmado aqui por meio de pesquisa empírica, que é a dificuldade significativa no momento de realizar o encaminhamento das imagens.

Por ser uma disciplina que exige a parte prática, faz-se necessária o laboratório de Telejornalismo nas estruturas das instituições de ensino. No entanto, é sabido que muitos deles estão sucateados, mas, não são apontados aqui como determinantes para o desenvolvimento do ensino aprendizagem. É fundamental que os acadêmicos, ao término da disciplina, consigam a excelência no aprendizado, uma

vez que o mercado competitivo frente às particularidades do veículo exige cada vez mais do profissional. Conseguir passar a informação de forma clara e precisa é questão de ordem. No entanto, para a televisão isso só é possível quando se tem a imagem aliada ao texto.

No instante em que toma conhecimento da notícia, o espectador não pode interromper o jornalista pedindo-lhe que esclareça algum ponto não compreendido. Não pode voltar no tempo para recuperar uma frase ou uma informação que perdeu, a não ser que tenha gravado o programa. (CURADO, 2002, p. 19).

A busca por uma linguagem conhecida como videográfica é importante. E entender esse vocabulário visual se faz necessário para o aprimoramento do trabalho em televisão. “É preciso respeitar a força da informação visual e descobrir como associá-la a palavra, porque a informação na TV funciona a partir da relação imagem/texto” (PARTE-NOSTRO, 1999, p.61). A compreensão desse processo torna mais fácil a aprendizagem e a vivência prática auxilia nesse processo. “Muitas vezes, quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagem sobre a palavra. Ela é suficiente para transmitir, ao mesmo tempo, informação e emoção”. (PATERNOSTRO, 2006, p.85).

Sobre as principais diferenças na prática da reportagem da televisão e da imprensa escrita Squirra (2004) diz:

O repórter Caco Barcelos, da Rede Globo, afirma que em televisão o importante é chegar com a coisa acontecendo. Em jornal ou revista, você pode reconstituir o fato, além de ter maior liberdade para investigar. Na televisão, a gente chega sempre seguindo um batalhão (a equipe) e não há discrição possível. Além de não ser possível esconder uma equipe de televisão.... A excitante luta contra o tempo faz com que todos, do repórter ao iluminador, trabalhem de modo diferente na tentativa de contar e mostrar os fatos ‘ainda acontecendo’ ou que acabaram de acontecer ‘há pouco tempo’. (SQUIRRA, 2004, p. 76)

Seguindo as bibliografias voltadas ao ensino de Laboratório de Telejornalismo disponíveis no Brasil, e a lógica da prática de um telejornal, o conteúdo da disciplina segue o seguinte planejamento:

Figura 1



Como é de conhecimento, a pauta é a primeira a ser explorada. Ela serve como um guia para o repórter. No entanto, nela é necessário que se tenha conhecimento prévio dos demais componentes que virão em decorrência do trabalho inicial. Squirra (2004) diz que a pauta da reportagem é igual para todos os veículos o que distingue a redação da informação para o telejornalismo dos outros veículos seria a imagem.

Seguramente, a presença da imagem, mas também a relação desta com as palavras e das palavras entre si. É comum acreditar que a imagem é responsável pela informação na televisão.... Apesar de todos os inúmeros recursos tecnológicos que separam e distinguem os veículos, a palavra é fundamental para a comunicação eletrônica, não só a imagem. (SQUIRRA, 2004, p. 64).

Sobre a sequência do trabalho da pauta, Prado (1996) diz que quando o repórter chega o lugar indicado pela pauta deve procurar a pessoa envolvida, apontada pela pauta nos contatos, na tentativa de enriquecer as informações enquanto o repórter cinematográfico colhe as imagens. O autor é categórico quando afirma que o repórter cinematográfico também deve ter conhecimento da pauta.

Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que o texto e a imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela. (PATERNOSTRO, 2006. p. 72).

Ainda de acordo com o autor, depois desse processo o repórter deve fazer a construção do texto. No momento de escrever o texto da reportagem o jornalista deve fazê-lo no formato de script. Chama-se script a lauda específica para um telejornal.

Na parte superior, estão os espaços para a identificação da data, do nome do editor (repórter ou redator), do jornal, do assunto (a retransmissão das matérias), do tempo da matéria e do

número que a página terá no script geral do jornal... As marcações de vídeo são colocadas no lado esquerdo do script: informações sobre uso de câmeras, de VT, slides, ilustrações e caracteres (nomes, datas, créditos que devem ser inseridos sobre a imagem)... Na coluna da esquerda ainda estão às indicações sobre o locutor: se ele aparece no vídeo (LOC VIVO) ou se ele narra sem aparecer (LOC OFF) (PATERNOSTRO, 2006, p. 171).

Paternostro (2006, p 73) pergunta: “todo jornalista que pretende trabalhar em televisão tem um desafio a enfrentar: a imagem deve comandar o texto?”, e na tentativa de responder à pergunta a autora recorre ao seguinte pensamento:

Desde o primeiro momento em que comecei a me envolver em telejornalismo também me deixei seduzir pelo fascínio da imagem e difundia muito entre meus companheiros a ideia de que a gente devia ser contido no uso da palavra para valorizar a imagem. Ao longo do tempo, repensei esse meu juízo, porque cheguei à conclusão, simplificando o meu pensamento, de que se a imagem mostra, mas, só a palavra esclarece. Então, passei a rever o meu conceito achando o seguinte: que, ao contrário do que diz a máxima chinesa, uma boa imagem vale mais do que mil palavras eu prefiro dizer, uma boa imagem vale mais associada a uma boa palavra. (PATERNOSTRO, 2006, p. 74).

O espelho é outro integrante importante na construção de um telejornal. Sobre o mesmo Prado (1996) diz:

Com a pauta definida, o editor-chefe faz o espelho, ou seja, o projeto que será colocado no ar. Ficam definidos os assuntos prioritários, a ordem das matérias, o tempo que cada uma terá no programa... O espelho é fundamental na organização e no andamento produtivo do programa e precisa ser distribuído em todos os setores da redação para que a equipe tenha noção geral do que vai ao ar. (PRADO, 1996, p. 22).

A edição de texto é também uma das atribuições do jornalista que trabalha em redação. “É o responsável pela adequação e equilíbrio das informações contidas nas reportagens produzidas pelos repórteres. É o profissional encarregado pela dosagem da imagem com o texto e sua devida interação” (SQUIRRA, 2004, p. 93). No entanto, o que esse trabalho sugere é que esse pré-conhecimento não seja apenas de responsabilidade do profissional que exerce a função de editor de texto, o jornalista como um todo, em seu sistêmico trabalho e formação, ganha em qualidade se tiver esse tipo de conhecimento.

Em relação à edição de imagens York (1998) diz:

Siga a “sua” história na ilha de edição e observe o editor de imagens montando-a. Se possível, acompanhe mais de um editor; forme uma ideia de suas teorias e contraponha seus estilos. Alguns deles trabalham mais rápido do que os outros? Que imagens eles tendem a descartar? Eles são influenciados pela força da imagem ou do som? Seguem passivamente instruções ou usam a imaginação (YORK, 1998, p. 44).

Para o autor a relação palavra – imagem deve ser preocupação elementar de todo profissional que trabalha com televisão. Segundo ele, as palavras devem ser adaptadas à imagem e nunca o contrário. Em sua obra está a classificação do que o mesmo chama de os quatro erros mais comuns em se tratando da construção do texto em telejornalismo. O primeiro erro é tentar colocar mais palavras do que permite a duração de imagens. “O melhor *script* é aquele que tem o mínimo de palavras” (YORK, 1998, p. 72). O segundo “é escrever sem prestar a devida atenção ao conteúdo das imagens” (idem, p. 72). O terceiro erro, para ele, é produzir várias frases que explicam exatamente aquilo que o público é capaz de ver por si próprio. “Deixem que palavras e imagens se toquem levemente. Não diga o óbvio nem simplesmente repita o que está passando na tela” (ibidem, p. 71). E o último erro, classificado pelo autor como o quarto é o descuido com a precisão. Para ele, em caso de dúvidas deve-se optar por termos gerais.

Após observar todas essas especificações, a impressão que se tem é que a necessidade de se conhecer sobre a imagem é exclusiva do repórter que vai produzir a reportagem, no entanto, a produção – pauta – também ganha com essa atitude e a qualidade do material atinge a uma satisfação maior, levando em consideração é que ela é o início do produto final. York (1998, p. 103) diz que “o maior teste de capacidade jornalística geral vem com a criação de ‘pacotes’ combinando as habilidades básicas de reportagem com o conhecimento das técnicas de produção de televisão”. E diz ainda:

A responsabilidade pela edição das notícias pertence aos editores de imagens treinados, mas nesta, como em outras áreas de televisão, as mudanças nas práticas de trabalho e o avanço da tecnologia levam ao desenvolvimento de várias habilidades. Em empresas sem tradição de isolar talentos em compartimentos estanques, é possível encontrar operadores de câmera, técnicos de som e outros que também atuam como editores de imagens. Os repórteres igualmente são encorajados a aprender técnicas de edição como parte de seus conhecimentos gerais (YORK, 1998, p.111).

Fica, portanto explícito que só se faz telejornalismo por meio de imagens, mas ela não é egoísta e precisa do texto. Portanto, o desafio

é saber usar os dois em harmonia. Paternostro (2006, p. 86) diz também que “Não podemos escrever uma palavra que seja sem conhecer a imagem, ignorando-a. Temos de levar em conta que estamos trabalhando primordialmente com a imagem. Sem ela, estaremos fazendo rádio, revista ou jornal”. A autora justifica dizendo que em primeiro lugar, tem-se que verificar se foi captada a imagem que o repórter pensou em colocar no texto. Esse pensamento da autora em questão é voltado para a reportagem. No entanto, esse trabalho sugere que o pensamento na imagem deve estar presente na construção da pauta também, e isso também não é novidade. O que se propõe de fato é que ao fazer com que o acadêmico tenha conhecimento prévio da finalização do material (edição de texto e imagem) a dificuldade é menor no momento de se construir a pauta;

1.3 Entendendo de edição de imagens: uma proposta de auxílio à pauta

O jornalista de televisão trabalha com dois tipos de edição: a de texto e a de imagens. Entende-se por edição de imagens o trabalho de transformar o material bruto, captado pela equipe de externa, no produto final que irá ao ar. É o momento no qual o editor de imagens, um profissional técnico, seleciona as melhores captações para que seja exibida para o telespectador. Quem acompanha o profissional na montagem da estrutura da matéria é o editor de texto, um jornalista. Então uma reportagem em televisão é pensada por um profissional (pauta), executada por outro (reportagem) e finalizada por outros dois (editores de texto e imagem).

A edição é feita em um equipamento chamado ilha de edição. Sobre esse processo Squirra (2004) diz:

Montando o esqueleto da matéria é hora de escolher as melhores imagens, colocar as cenas de corte e finalizar o produto que irá ao ar. As imagens devem corresponder ao que foi dito no off, sempre procurando usar tomadas curtas, com o máximo possível de ângulos diferentes, para que o telespectador não fique entendiado. Os takes (tomadas) longos derrubam o ritmo da reportagem. (SQUIRRA, 2004, p. 40).

Como foi dito anteriormente, quem faz a edição de imagens é um profissional da área técnica. No entanto, o que se defende aqui é que o acadêmico que tem noções de edição de imagens desenvolve de forma mais satisfatória a sua pauta. Parece contraditório, no entanto pesquisa empírica comprova a afirmação. Ao dividir uma turma de acadêmicos da disciplina de telejornalismo em grupos optou-se por utilizar o seguinte método: dois dos grupos foram eleitos para

na segunda semana de aula participar de uma oficina de edição de imagens, os outros dois participaram da mesma oficina, mas no fim do semestre.

Na oficina apresentada os futuros jornalistas foi explorada noções de esqueleto da matéria, decupagem, montagem (off, passagem, sonora – não necessariamente nessa ordem), além disso, os acadêmicos participaram e opinaram na cobertura do material (edição de imagens). Também foram exploradas as alternativas de cenas de corte, o som ambiente e as especificidades do editor de texto e o de imagem.

A oficina veio de encontro com o pensamento de Squirra (2004) que diz:

A imagem tem papel extremamente importante na televisão. A regra é válida também para o telejornalismo, o que provoca nos profissionais de jornalismo uma inevitável necessidade de conhecimentos das potencialidades de expressão da comunicação cinética. É fundamental que o telejornalista domine o processo da comunicação com as imagens em movimento e com todos os seus elementos expressivos, tais como som, a iluminação e cenários (SQUIRRA, 2004, p. 135).

Sobre o assunto, York (1998) diz:

Não se espera que nenhum jornalista iniciante seja um especialista em eletrônica, mas é útil ter uma noção nos princípios técnicos que envolvem o equipamento de trabalho. Aceitamos naturalmente uma imagem de televisão; mas quantos candidatos à profissão de repórter seriam capazes de explicar como uma imagem é recebida? (YORK, 1998 p.28).

2 Análise dos resultados

Percebeu-se que na prática os grupos de acadêmicos que participaram da oficina, antes do contato com o conteúdo da disciplina de Laboratório de Telejornalismo (especificados aqui como GRUPO um, divididos em três equipes) tiveram um maior aproveitamento, (leia-se menor dificuldade), no momento de iniciar o planejamento de um telejornal, ou seja, montar uma pauta. Dificuldade essa encontrada pela maioria dos participantes dos grupos que participaram da mesma oficina, mas no fim do semestre (especificado aqui como GRUPO dois). Ao analisar as pautas indicadas pelo GRUPO um, encontrou-se as seguintes retrancas: curso profissionalizante/SENAC, Doação de Sangue e internet/UFMA. Acompanhando o trabalho das três equipes em questão foi constatado que em um dos grupos houve a necessidade, percebida pelos integrantes de uma das equipes,

de alteração no assunto por falta de imagem. Ou seja, os acadêmicos estavam em sintonia com o que a prática necessita:

Em jornalismo de televisão ninguém duvida: a imagem é mais forte que a palavra. Toda vez que num telejornal as falas estão em desacordo com as imagens, produz-se uma espécie de descarrilamento da comunicação: o trem das palavras vai para um lado e o trilho das imagens, para outro. Num caso desses, a informação auditiva se perde, mas a mensagem visual sempre chega ao destino. (REDE GLOBO, 1995, p. 71).

Porém, conseguir o entendimento disso na prática não é tão simples como a teoria sugere. O grupo que finalizou o material com a pauta curso profissionalizante/ SENAC, teve como ideia inicial uma reportagem para falar sobre o número de acidentes de trânsito que aumentaram de forma significativa na cidade de Imperatriz, Maranhão, no ano de 2012 em relação ao ano de 2011. O grupo reuniu dados satisfatórios, emitidos pelo departamento de trânsito da cidade, conseguiu também agendar uma entrevista com o responsável pelo órgão, mas no momento de ilustrar o material as dificuldades foram encontradas. O hospital público da cidade, conhecido como Socorrão, não disponibilizou médico para atender a equipe e a autorização de imagens para a ala da ortopedia, ala que recebe grandes números dos acidentados com fratura na cidade, não foi autorizada. Logo, a equipe que estava trabalhando com essa pauta compreendeu que não seria possível fazer o encaminhamento das imagens e decidiu, então, mudar a pauta. Depois de muito discutirem chegaram ao consenso com a retranca: curso profissionalizante/ SENAC. Nesta pauta, eles apresentaram a preocupação com a figura de um personagem, marcaram com esse uma entrevista nas instalações da escola profissionalizante do SENAC (entenderam a dificuldade de administração do tempo em televisão), agendaram também com o diretor do órgão e com o professor responsável. Colocaram todo o direcionamento de imagem na pauta para que fosse seguida pelos repórteres que era em sua maioria dos cursos oferecidos no local.

É importante salientar que a atitude do grupo em ter alterado a retranca da pauta não significa que os mesmos estão sendo incentivados a desistirem de produzir uma pauta importante como a do acidente de trânsito. Mas eles trabalharam com deadline a ser cumprido. Dessa forma, foram preparados para a dinâmica que quando uma pauta cai o jornal precisa ser suprido da mesma forma e a mesma pode ser “melhor trabalhada” para o dia posterior, ou transformada em stand up ou entrevista. Porém, o exercício foi centrado na construção da pauta e a confecção da reportagem e a sua edição de texto e imagem.

A equipe, também do GRUPO um, que produziu a pauta com a retranca: Doação de sangue não demonstrou dificuldades. O tema foi sugerido em função de que na reunião de pauta uma das equipes tinha almejado a retranca acidentes de trânsito, então, logo eles inferiram que se o número de acidentes de trânsito tinha aumentado em demasia era provável que o número da demanda por sangue na cidade também estava maior. Entraram em contato com a central de doação na cidade, EMOMAR, e confirmaram. Conseguiram agendar com os responsáveis e na elaboração da pauta fizeram, inclusive, uma descrição das imagens que, por sugestão, poderiam ser captadas. A equipe sugeriu na pauta uma arte gráfica mostrando a significativa demanda em 2012 em relação ao ano anterior. No material, eles deixaram explícito para a equipe de reportagem que se acatada por elas a sugestão da arte deveria ser passada com antecedência, ou seja, no início do turno, para o editor de texto direcionar ao responsável pela editoria de arte (como já tinham acompanhado o processo de edição de imagens tinham percebido que o processo é moroso).

Feita a análise, ficou evidente que a equipe da produção se preocupou com o contexto da linguagem videográfica como um todo, seguindo o que sugere a autora:

As artes inseridas em uma reportagem devem ter o objetivo claro de ajudar o telespectador a entender a mensagem transmitida. Devem ser usadas na medida exata, discretas e eficientes, evitando transformar a matéria em uma alegoria. (PATERNOSTRO, 2006, p. 890).

A equipe que optou pela retranca Internet/ UFMA também não apresentou dificuldades no direcionamento das imagens. A pauta informava que a internet na universidade iria aumentar a sua capacidade. Logo, sugeria como imagens de apoio, acadêmicos com acesso a internet na biblioteca da instituição. Os alunos mencionados na pauta não foram citados de forma aleatória, mostrando que a equipe entendeu que imprevistos ocorrem, por exemplo, no momento da pauta poderia ter poucos acadêmicos estudante e os que lá estivessem poderiam também não autorizar a sua imagem ou não querer participar. Dessa forma, ouve uma preocupação em agendar com quatro acadêmicos que utilizavam o espaço e usavam a internet da instituição, além das entrevistas agendadas.

Em relação ao GRUPO dois, também dividido em três equipes, percebeu-se que em sua maioria o encaminhamento das imagens era falho.

O primeiro deles sugeriu a retranca Autismo dificuldades. A pauta dizia sobre as dificuldades encontradas pelos familiares de um

autista em conseguir a inserção da criança na sociedade. Os dados coletados foram satisfatórios. Os entrevistados eleitos pela equipe foram um psicólogo, que trabalha com crianças especiais, e a mãe de uma criança autista. A entrevista com a psicóloga foi agendada para ser realizada no escritório da mesma. Da mãe na casa dela. Mas a falha foi diagnosticada na seguinte situação: a entrevista com a mãe da criança foi agendada no momento em que a criança (autista) estava na escola. Logo, a equipe de reportagem ficou deficitária em relação às imagens para poder construir o material. Tinham as informações, as sonoras, mas não tinham imagens para cobrir o off.

Transito caótico foi à retranca sugerida pela outra equipe. O material apresentado trazia números satisfatórios quanto ao aumento da frota, aumento de acidentes e pontos de congestionamento na cidade. O entrevistado agendado foi o secretário de trânsito da cidade e as sugestões de imagens eram os pontos citados como críticos pelo secretário. No entanto, a pauta estava agendada para as oito horas da manhã (entrevista) e as imagens deveriam ser captadas às nove. Logo, a equipe se viu desprovida de possibilidade de cobrir o material. As nove, o trânsito é tranquilo. Essa situação demonstra também a imaturidade da equipe quanto à perspectiva de se trabalhar com imagem em movimento.

A outra equipe elegeu a retranca: laboratório engenharia alimentos. Foi apresentada na pauta toda a estrutura de dados necessária para uma produção satisfatória. Os acadêmicos agendaram com o coordenador do curso de engenharia de alimentos uma entrevista e com o técnico do laboratório outra. O encaminhamento era voltado à reforma e a chegada de novos equipamentos nos laboratórios de engenharia de alimentos e o resultado esperado era a melhora na qualidade do aprendizado. O que os acadêmicos não ficaram atentos é que a marcação foi feita em horário contrário ao de aula, logo os laboratórios estavam vazios e as imagens empobrecidas.

Considerações finais

A importância da imagem para a televisão não é uma descoberta nova. Compreender que o texto deve estar em harmonia com ela em um material televisivo também não. A novidade é o respaldo da pesquisa para identificar que entender os mecanismos e as características que compõe uma telerreportagem auxilia em todo o processo televisivo, inclusive a pauta. Ou seja, não basta apenas entender que na pauta há a necessidade de se fazer o encaminhamento das imagens, é preciso compreender como essa imagem será utilizada

na finalização do material para que a estrutura seja pensada de forma sistêmica.

Respeitar a palavra é muito importante no texto da televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função (REDE GLOBO, 1995, p. 11).

Sabe-se que a imagem que chega à redação não é exatamente como se imaginou que ela seria. A produção do material depende de fatores externos. No entanto, o produtor precisa ter noções mínimas de quais tipos de imagens serão necessárias para que o produto final seja satisfatório. O aprendizado de como fazer isso cada vez com mais qualidade é aprimorado com o exercício. Porém, a aprendizagem é um ato complexo que requer uma via de mão dupla na qual deve existir o envolvimento tanto de quem ensina quanto de quem aprende. Preparar o acadêmico para o mercado é um desafio que acompanha diariamente o professor que ministra essa disciplina.

Depois da realização de pesquisa conclui-se que a construção da pauta, direcionamento das informações, faz parte do ensino da técnica de reportagem em jornalismo, mas noções de edição de imagens agregam valor no desenvolvimento da pauta em televisão e muitas vezes não é contemplada na disciplina de Laboratório de Telejornalismo. Aprender sobre esse processo antes de ter noção de pauta telejornalística auxilia no entendimento da linguagem videográfica que deve fazer parte do aprendizado de todo acadêmico que é contemplado com a graduação em Jornalismo.

Referências

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV, Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- CURADO, Olga. A Notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo, São Paulo: Alegro, 2002.
- JORGE, Thaís de Mendonça. Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo, Contexto, 2008.
- LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista: um diálogo possível. São Paulo: Ática, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O Texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

PRADO, Flávio. Ponto eletrônico. São Paulo: editora Limiar, 1996.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo, Publifolha, 2009.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Manual de Redação da Central Globo de Telejornalismo. Rio de Janeiro, Rede Globo, 1985.

SQUIRRA, Sebastião Carlos. Aprender telejornalismo: produção e técnica. São Paulo. Brasiliense, 2004.

YORK, Ivor. Jornalismo diante das câmeras. São Paulo: summus, 1998.